

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTOS: CONCEITOS E PRÁTICAS

Andréa Basílio de Matos Fraga*

Resumo: O presente artigo intitulado **Alfabetização e Letramentos: conceitos e práticas** tem o propósito de apresentar, confrontar e discutir conceitos e práticas de alfabetização e letramento. Para tanto, as principais ideias pedagógicas a serem abordadas serão fundamentadas nos estudos de Magda Soares, Emília Ferreiro, Paulo Freire e Leda Verdiani Tfouni. Tendo em vista que o ensino da leitura e da escrita, tornou-se um grande desafio para a educação, traz-se as discussões dos conceitos e práticas da alfabetização e letramento a partir dos seus termos e de cinco pontos que consideramos desafiadores aos profissionais que atuam com crianças em fase de alfabetização, na tentativa de enriquecer as reflexões acerca do tema, com vistas à práticas eficazes.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Prática pedagógica. Professor.

A inserção do termo letramento na educação brasileira, associado com a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, levantou várias questões entre os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, especialmente os que lidam diretamente com turmas de primeiro ano. Algumas destas questões estão ligadas ao conceito e fundamentos do letramento. Há quem pense que o letramento é uma metodologia criada para substituir a alfabetização. Por outro lado, há quem considere que alfabetização e letramento são processos iguais. O fato é que existem dúvidas com relação aos termos e sobre como promover uma proposta de ensino eficaz, o que sugere falta de esclarecimento teórico sobre a temática.

Com este estudo, apresentaremos, confrontaremos e discutiremos conceitos e práticas de alfabetização e letramento, fundamentadas nos estudos de Magda Soares, Emília Ferreiro, Paulo Freire e Leda Verdiani Tfouni. Além disso, diante do desafio que o ensino da leitura e da escrita, tornou-se para a educação, traremos discussões acerca de práticas da

* Pedagoga, licenciada pela Universidade Federal da Bahia, especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Salvador e em Psicopedagogia pela Faculdade de Ciências Educacionais, Mestranda em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana e professora da rede particular de ensino da Capital baiana. deabasilio@hotmail.com.

alfabetização e letramento, com o propósito de enriquecer as discussões e ampliar os caminhos para práticas eficazes.

Segundo Leda Verdiani Tfouni (1995, p. 9) “a alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem”. Para a autora, existem duas formas sobre as quais ela entende a alfabetização: como um processo individual de habilidades voltadas para a leitura e escrita, e como um processo de representação de objetos diversos.

A alfabetização é vista como um processo que se inicia a partir do contato com o mundo letrado, que não se esgota em uma única classe e não tem técnicas próprias de aquisição. Ela está presente em todas as situações nas quais nos deparamos com linguagem. Seu percurso deve acontecer em situações significativas e reais, não apenas escolarizadas.

Em seu livro “Letramento e Alfabetização”, Tfouni aponta que

“A necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, creio eu, da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta (2010, p. 32)”

A autora sugere que o termo letramento não seja reduzido ao de alfabetizar – pensando em alfabetização como a aquisição da leitura e da escrita. Ela situa o letramento como um termo mais abrangente que alfabetização e que envolve um processo sócio-histórico.

Em congruência com as ideias de Tfouni, Emília Ferreiro afirma que:

A alfabetização é um processo iniciado na pré-escola, que se estende até o fim da vida escolar do aluno. Neste período, a criança terá contato com os mais diversos tipos de textos e se deparará com situações reais de uso da escrita, compreendendo a sua função social. (1996, p.48).

Fica esclarecido, portanto, que a alfabetização não acontece como muitos acreditam: um “passe de mágica” por volta dos seis ou sete anos. Nas citações acima, de autoras contemporâneas, notamos a presença da ideia de percurso.

Considerando a alfabetização um processo de construção de hipóteses sobre o sistema alfabético de escrita, o aluno precisa participar de situações desafiadoras, que oportunizem a reflexão sobre a língua escrita. Portanto, é por meio da interação com o objeto de conhecimento que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva. São essas

especificidades do processo de alfabetização que não podem ser esquecidas. Não basta apenas o convívio com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística, partindo de textos reais de vários gêneros que circulam socialmente.

Para Magda Soares (2003, p.18) “não parece apropriado, nem etimológica nem pedagogicamente, que o termo alfabetização designe tanto o processo de aquisição da língua escrita quanto o processo de seu desenvolvimento”. A alfabetização assim compreendida, passa a compor um conjunto de habilidades articuladas e integradas às perspectivas psicológica, psicolinguística, sociolinguística e propriamente linguística do processo.

Com relação à concepção de Paulo Freire sobre alfabetização e letramento, existem dúvidas sobre a interdependência entre os termos. Para o autor, alfabetização e letramento não estão dissociados. Referem-se a um mesmo termo. O conceito de alfabetização ultrapassa a definição de aquisição da leitura e do código escrito. Sua visão é que a leitura do mundo precede a da palavra, o que sugere o significado do termo letramento.

Com um sentido mais abrangente, além do domínio da escrita, a alfabetização em Paulo Freire é vista como prática discursiva, pois

(...) possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (1991, p. 68).

A aquisição da leitura e da escrita para Paulo Freire, não é para tão somente adaptar, mas para transformar. Se interpretado de maneira errônea, o termo letramento poderá gerar equívoco ideológico, descaracterizando a ideia do conceito alfabetização nos seus estudos e diminuindo alfabetização à leitura e escrita.

O termo letramento, para o autor, demonstra a diferença de uma leitura e escrita simplesmente bancária, tradicional e sem qualidade, para uma outra crítica e social que age diretamente na aprendizagem. Reflete uma luta política por melhoria da educação que impacta no índice de alfabetismo podendo, portanto, servir para a qualidade da educação, avanços e transformação.

Letramento foi usado pela primeira vez no Brasil por Mary Kato (1986) e despertou o interesse de diversos autores pelo tema, o que gerou muitos estudos científicos. Para Paulo

Freire o termo letramento tem um sentido aproximado de alfabetização, que designa práticas socioculturais de uso da língua escrita, podendo vir a ser libertadora.

Enfim, esses conceitos se entrelaçam?

Já nos anos 90, com diversas pesquisas correntes, o conceito de alfabetização passou a ser vinculado ao conceito de letramento, levantando reflexões acerca das suas confusões e sobreposições. Magda Soares considera ser importante distingui-los, mas também aproximá-los:

a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, o conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (SOARES. 2003, p. 90).

Quando cita a especificidade da alfabetização, Magda Soares se refere à aquisição das habilidades de escrita alfabética e ortográfica, que exige uma gama de reflexões e conexões do indivíduo, sobre a língua.

Com a chegada do conceito de letramento no Brasil diferentes significados e equívocos foram levantados. Em diversos artigos, Magda Soares aponta sua preocupação com relação à especificidade da alfabetização, que vem se perdendo em oposição ao surgimento das práticas de letramento.

Anteriormente, existia a supervalorização dessa especificidade da alfabetização, na qual os métodos fonéticos eram explorados para se atingir a conquista da escrita e da leitura, como principal foco da aprendizagem. Na tentativa de redirecionar os métodos educativos a partir de práticas de letramento, invés de equilibrar a especificidade da alfabetização, desapareceram as práticas que as conduziam, muitas delas importantes e necessárias.

Soares aponta que

“Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada (...) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (...) Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita” (Jornal do Brasil - 26/11/2000).

Pensando na interrelação entre os dois conceitos e nos mais novos estudos acerca do rompimento entre eles, conclui-se que pensar na aprendizagem da língua escrita, é pensar no seu uso, articulando os conhecimentos sobre suas funções e formas. Descobrir, aprender e usar a escrita, seria adquirir o código escrito. Para tanto, estariam envolvidos os processos de letramento e de alfabetização.

Refletindo sobre o equilíbrio das especificidades de cada termo e acreditando que o entrelace entre eles é possível e necessário, fica posto o desafio para todos os educadores que lidam com a educação fundamental: alfabetizar a partir da perspectiva do letramento.

Para uma ação pedagógica voltada para a alfabetização a partir da perspectiva do letramento, consideraremos cinco aspectos que concebemos como desafio aos docentes: mediar a aprendizagem de códigos, estimular o desenvolvimento das competências, promover a identidade pessoal nas crianças, favorecer as relações interpessoais para o desenvolvimento social e intelectual e articular a construção de diferentes aprendizagens.

O primeiro ponto, mediar a aprendizagem de códigos, é um elemento importante para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais, para a formação dos sujeitos, para a interação com outras pessoas, na orientação das ações delas, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento. Daí também a necessidade de se atribuir uma importância à formação do professor que mediará essas aprendizagens.

O pensamento de Emília Ferreiro (2000) nos faz refletir sobre o fato de estarmos tão acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo de aprendizagem escolar, que não reconhecemos que o desenvolvimento dessas habilidades começa muito antes da criança ingressar na escola. Já para alguns educadores, os alunos não aprendem fora de um programa de aprendizagem feito pela escola.

Para outros educadores, há uma enorme dificuldade em “transpor-se” para o lugar das crianças, numa tentativa de compreender o que elas querem comunicar, e acabam por não considerar a tentativa delas de informar algo através das próprias produções. O que qualificam, quase sempre, as atividades desenvolvidas por elas, como rabiscos sem função.

Para que haja o aprendizado, o professor deve oferecer atividades desafiadoras às crianças, atentando às questões individuais, para que elas avancem nas suas hipóteses de escrita, tendo em vista a posição em que se encontram. Esta é uma tarefa que exige um dedicado trabalho de diagnóstico e acompanhamento individual por parte do professor.

Sem dúvida, mediar a aprendizagem de códigos não é uma tarefa fácil. O docente tem que estar atento às questões sociais e individuais que caracterizam cada indivíduo como ser social, para planejar a melhor maneira de cada criança apropriar-se da escrita e da leitura. Estas questões estarão mais bem detalhadas no terceiro ponto que consideramos como desafio.

O segundo ponto a ser abordado como desafio para o professor que lida diretamente com as classes envolvidas no processo de alfabetização é ser um estimulador do desenvolvimento das competências dos alfabetizandos, através do qual ele deve buscar fontes para suas ações nas interrelações, sem abdicar dos conteúdos que deve ensinar.

Competência possui um conceito amplo. Para Perrenoud (1999, p. 23), sociólogo suíço, “é a capacidade de agir eficazmente em uma determinada situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”.

A partir dos estudos de Perrenoud, podemos concluir que em educação, competência é vista como a capacidade de acionar um conjunto de recursos cognitivos – como saberes, habilidades e informações – para solucionar, com eficácia, uma série de situações. Buscando uma realidade de sala de aula de alfabetização, o que seria, para o professor, fazer o aluno desenvolver competências?

Parece-nos ser conduzir o aluno a ver, no seu dia a dia, a disciplina que ele aprende – a funcionalidade dela –, fazer com que compreenda que, frequentando a escola, ele adquire conhecimentos que lhe capacitam a viver.

Hoje, quando se pede ao professor para desenvolver capacidades e competências que estimulem inteligências, está se pedindo, sobretudo, que ele não restrinja a sua ação ao transmitir o conteúdo, mas sim revelar a sua funcionalidade, levando os alunos a compreenderem. O que, mais uma vez, sugere os fundamentos da alfabetização pensada a partir da perspectiva do letramento.

Portanto, ao se trabalhar competências, transcendem-se os limites da escola e prepara-se para a própria vida, porque os saberes envelhecem, mas essas competências serão por nós levadas para toda a nossa existência.

O terceiro desafio ao professor atuante com alunos em fase de alfabetização é promover a identidade pessoal nas crianças. Cada uma delas possui, na sua realidade, um modo de vida que a torna diferente das demais. Cabe ao professor o papel de individualizar as oportunidades de aprendizagens que deve oferecer às crianças, levando em conta capacidades

afetivas, emocionais, sociais e cognitivas, além dos conhecimentos prévios acerca dos mais diferentes assuntos e de suas origens socioculturais diversas.

Promover a construção da identidade pessoal nas crianças possibilita-as enxergarem-se como seres pertencentes a um momento social e histórico, que possuem um espaço, certos objetos e maneiras de agir; o que está relacionado às crenças, valores, memórias, significados etc.

Segundo o MEC:

A identidade é um conceito do qual faz parte a idéia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição. (RCN vol.2, p.13).

A promoção da identidade pessoal nas crianças oportuniza uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem necessidades e ritmos individuais, envolvendo trocas entre todos os envolvidos e com o meio.

A partir deste ponto, a alfabetização passa a ampliar e a enriquecer as habilidades e capacidades de cada criança, considerando-as como seres únicos e com características próprias, o que as enriquece pessoal e culturalmente.

O aluno, tendo sua identidade fortificada, suas características aceitas e abertura para permitir-se viver experiências com outras, passa a partilhar, com os colegas, vivências ocorridas fora do contexto escolar, o que também contribui para o seu processo de aprendizagem e alfabetização.

O quarto desafio aqui levantado é favorecer as relações interpessoais para o desenvolvimento social e intelectual. Estudando Vygotsky (1991), é possível chegar à conclusão de que o conhecimento é sempre mediado, construído a partir das relações interpessoais, que partem das relações dos sujeitos com o meio – ambos com suas cargas culturais.

Propiciar as relações interpessoais em várias oportunidades é uma das estratégias mais importantes do professor das classes de alfabetização que visa promover aprendizagens significativas às crianças. Desta forma, é seu papel criar situações de conversa, de brincadeiras ou de socialização de saberes que garantam a troca entre elas.

É importante ressaltar que as crianças se desenvolvem em situações de interação social, nas quais conflitos, negociações de atitudes coletivas, expressão de sentimentos, ideias e soluções para questões individuais ou coletivas, são elementos indispensáveis.

O quinto desafio é articular a construção de diferentes aprendizagens. É muito comum encontrar professores questionando-se acerca do que ensinar aos seus alunos. Isto porque, certamente, estão apoiados numa prática na qual os objetivos não estão claros para eles. Não sabendo aonde chegar, dificilmente será possível selecionar conteúdos adequados para o trabalho com as crianças. A clareza dos objetivos revela segurança na proposta.

Para articular a construção de diferentes aprendizagens, os professores devem pensar sobre qual é a função social esperada pela escola. Refletir sobre a formação cidadã dos educandos. Isto exige uma dedicada análise do que se ensina.

Ensina-se para que os conteúdos sejam pontuais, úteis para a resolução de questões de uma disciplina, para ser aprovado em exames, ou ensina-se para gerar um acervo de ferramentas necessárias para a resolução dos mais diferentes problemas ou situações?

Celso Antunes aponta que

(...) não é suficiente, ao professor, trabalhar apenas a aprendizagem de competências e capacidades, mas trabalhar também as inteligências dos seus alunos. Fazer com que a escola seja um centro estimulador de inteligências. Os alunos entram na escola para dela saírem não apenas com informações, mas com a inteligência ampliada. (1999, p.21).

Quando sabemos que as inteligências são estimuláveis e que são múltiplas, cabe ao professor ser um estimulador delas. Celso Antunes (1999) nos chama atenção ao fato de que as atividades de ensino trabalhadas pelo professor devem levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, pois os saberes são socialmente construídos através do confronto entre os conhecimentos internos e externos. Portanto, as sequências didáticas devem permitir aos estudantes, as mais diversas experiências entre os objetos de estudo e o cotidiano.

Articular a construção de diferentes aprendizagens não se trata, apenas, de ensinar conteúdos, mas fazer com que as crianças pensem sobre o que estão estudando, transpondo as novas aprendizagens aos seus sentidos.

Para que o professor acompanhe as propostas educativas da atualidade, não basta aplicar certas fórmulas pré-estabelecidas, apenas baseadas em nomes consagrados. É necessário que esteja em dia quanto aos temas do seu ofício: o que é aprender, o que é

ensinar, o que é linguagem escrita, o que é ler e escrever, como meu aluno aprende, como criar ambientes alfabetizadores que favoreçam o desenvolvimento tendo em vista os cinco desafios expostos: mediar a aprendizagem de códigos, estimular o desenvolvimento das competências, promover a identidade pessoal nas crianças, favorecer as relações interpessoais para o desenvolvimento social e intelectual e articular a construção de diferentes aprendizagens

Aqui estão postos desafios a serem adotados pelos professores que trabalham com crianças em fase de alfabetização no seu cotidiano pedagógico. Tarefa nada fácil, porém, acreditamos que, se executada, fará surtir efeitos positivos.

Os cinco aspectos a serem considerados pelo “professor alfabetizador” aqui apontados – que supõem tantos outros – dão um norte à prática do docente que lida diretamente com o processo de alfabetização de crianças.

Com este estudo, apostamos no desafio de transformar e ressignificar o contexto das classes de alfabetização, por sugerir ideias para um trabalho de alfabetizar a partir da perspectiva do letramento.

Teremos sempre a dúvida de estarmos percorrendo o caminho certo. Fica a reflexão para que cada professor utilize este estudo dentro das medidas de suas necessidades.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P.; BETTO, F. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 11. ed., 3. imp. São Paulo: Ática, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 26 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.



_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 20 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARDNER, Howard. **A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensiná-la.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita – uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. In: **Alfabetização e letramento.** São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Alfabetização e letramento**, 2º ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Entrevista concedida ao Jornal do Brasil** em 26/11/2000. Disponível em: <http://quintalmagico.com.br/educar-e/letrar-e-mais-que-alfabetizar.html> Acesso em: 22/7/2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2004. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 47).

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.